

Galina Enikeeva orienta um workshop especial na Escola de Dança do Conservatório Nacional.



«**A** música é a nossa vida, a música dá-nos liberdade, faz-nos viajar.» Com mais ou menos emoção nas palavras, estas poderiam ser frases que ilustram o sentir dos meninos com quem falámos, nesta descoberta da importância das artes no desenvolvimento das crianças. Camila (14 anos) e Anízia (13) integram o Coro Infantil da Universidade de Lisboa (CIUL). Carolina tem dez anos, tal como a Inês e o Guilherme. Os três andam no 5º ano da Escola de Dança do Conservatório Nacional de Lisboa. Martim, oito anos, e Rodrigo, com sete anos, estudam violoncelo na Metropolitana. Histórias diferentes aproximaram-nos da música. Mas em comum têm o facto de não se imaginarem a viver sem ela. Camila, a adolescente, fundadora do coro, nasceu rodeada de música e, por isso mesmo afirma, de forma quase dramática: «a música é a minha vida». Filha da maestrina Erica Mandillo, que há seis anos decidiu criar este coro com

os filhos dos elementos do Coro da Universidade de Lisboa, Camila recusa qualquer pressão da mãe nas suas opções de vida. Opções que estão mais do que definidas: «Quero candidatar-me a uma bolsa para a St. Juliard's School (Nova Iorque) mas estou ainda indecisa se tiro teatro ou canto. É que, para mim, música e teatro são a mesma coisa, uma é o prolongamento da outra e como o canto eu já tenho e estou no Conservatório de Música de Lisboa, se calhar faz mais sentido a formação em teatro», afirma com uma certeza desconcertante. Vê-se que sabe o que quer e, apesar de antecipar as saudades de casa e da grande família que é o coro, não vacila porque também tem a certeza que um dia vai dirigir este mesmo coro. Camila tem uma daquelas vozes que arrepiam a alma, mas o que a faz amar este projecto mais do que tudo na vida é o facto de se misturar a dança com expressão dramática. «Eu morria se estivesse num daqueles coros estáticos com partitura». A mãe, Erica Mandillo, fundamenta a forma

“Quando danço sinto-me nas nuvens.”  
Carolina. 10 anos, Escola Dança do Conservatório Nacional



“Eu sei que o importante é o que somos e o que sentimos. E isso fará de mim e dos meus amigos do coro pessoas muito mais felizes.”

Camila, 14 anos, Coro Infantil Universidade de Lisboa

de trabalhar em que várias expressões estão envolvidas: «Só na Europa é que se quebrou a ligação da música dita erudita com o corpo. Um africano não consegue cantar sem dançar». Anízia foi para o coro infantil há quatro anos e garante que a vida mudou desde que conheceu «esta grande família. A música ajudou-me a crescer como pessoa. Sinto-me sempre feliz quando canto», diz a pequena cantora, que não sabia rigorosamente nada de música até ter vindo para o coro. Esta é, aliás, uma das traves mestras da formação do coro, que começou com oito meninos e dois professores: Erica e o pianista João Lucena e Vale. «O que sempre nos interessou, mais do que a voz, foi seleccionar meninos com motivação e alegria pela música», explica João Lucena e Vale. O resto vem com o treino e os estudos.

Os ensaios semanais, ao fim da tarde domingo, são uma festa para meninos e professores. Erica reconhece ser muito exigente mas percebe-se o imenso carinho que tem pelas crianças e jovens e eles adoram-na. «A exigência que imprimimos é temperada com a elevação da auto-estima. E a sensação de pertença a algo que os ultrapassa individualmente dá-lhes lições para a vida em sociedade». Camila confirma que se sente mais atenta aos outros do que a maioria dos adolescentes da sua idade. «A música dá-me a liberdade de não ter vergonha de ajudar alguém na rua quando vejo, por exemplo, que vai

muito carregada com sacos. A maioria dos jovens da minha idade tem vergonha de se expor. O coro transforma-nos, os mais tímidos são hoje mais extrovertidos, os mais egoístas estão hoje mais atentos ao outro. Porque vemos o mundo de uma forma mais poética e isso faz toda a diferença», acrescenta esta jovem que não se importa nada de ser vista como 'alien' por outros adolescentes. A verdade é que tem a certeza de ser muito mais feliz e menos pressionada pelo mundo consumista que escraviza tantos jovens. «Eu sei que o importante é o que somos e o que sentimos. E isso fará de mim e dos meus amigos pessoas muito mais felizes».

#### **BAILARINA**

Carolina sempre sentiu o impulso da música e da dança. Desde pequenina, canta, dança e toca viola (mesmo sem ter aprendido, vai tocando de ouvido). No quarto ano, a professora de ballet convenceu a mãe a levar a filha a fazer audições para a escola de dança do Conservatório Nacional. Maria ficou cheia de medo: «Ai que é tão longe, não tem segurança, andam de um lado para o outro e deixa a protecção do colégio onde sempre andou». Mas a filha pediu muito. Era o sonho da vida dela. Lá fez as audições e, naturalmente, passou. Hoje é mais uma das meninas de dez anos que entra bem cedo de coque feito e pronta para dançar o dia todo. E